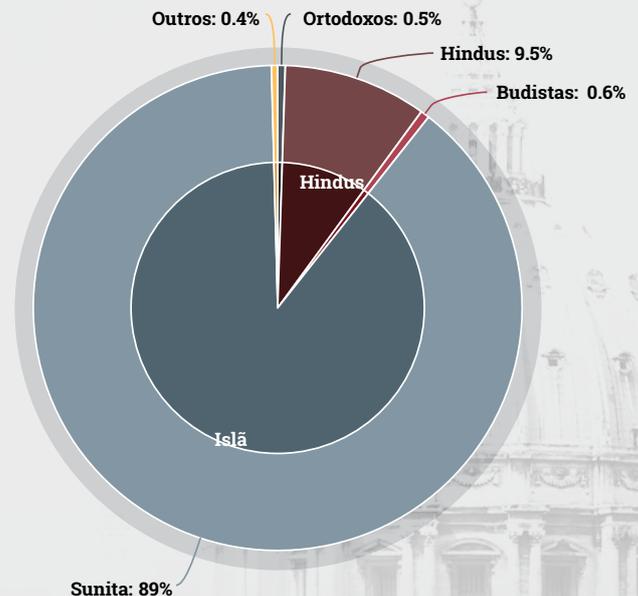


Bangladesh



Historicamente, Bangladesh era considerado um país predominantemente muçulmano onde as pessoas praticavam uma forma de Islamismo pacífica e tolerante. Contudo, acontecimentos recentes transmitiram uma imagem muito diferente. Nos últimos dezoito meses, ocorreram quarenta e oito assassinatos, vinte e oito dos quais reivindicados por grupos ligados à Al-Qaeda ou ao grupo autodenominado Estado Islâmico (EI). Os alvos incluem bloggers que defendem o secularismo e a liberdade de expressão, livres pensadores que alegam o direito a não professar qualquer religião e professores universitários. Foram também atacados sacerdotes hindus e budistas, clérigos cristãos e leigos, que foram destacados porque pertencem às minorias religiosas do país, além de muçulmanos convertidos ao Cristianismo e muçulmanos xiitas. A lista é longa e, apesar das promessas da primeira ministra Sheikh Hasina de que os assassinatos “não ficarão impunes”,^[1] há grande preocupação no país.

“Inicialmente, costumávamos considerar estes ataques como incidentes isolados, mas agora tornou-se uma questão de grande preocupação”, disse o secretário da Bangladesh Christian Association (Associação Cristã de Bangladesh) em 9 de junho de 2016.^[2] E o secretário geral do Hindu Buddhist Christian Unity Council of Bangladesh (Conselho da Unidade Hindu, Budista, Cristã do Bangladesh) disse: “Comunidades inteiras estão aterrorizadas e sentem-se muito inseguras. Não

vemos intervenção dos partidos políticos para encontrar soluções para estes problemas”^[3]

DEMOGRAFIA RELIGIOSA

Com 156 milhões de habitantes, o Bangladesh é um dos países mais densamente povoados do mundo (com 1.100 habitantes por quilômetro quadrado). De acordo com os censos de 2011, os muçulmanos sunitas constituem quase 90% da população, fazendo com que o Bangladesh seja o terceiro país muçulmano mais povoado do mundo depois da Indonésia e do Paquistão, enquanto a principal minoria, o Hinduísmo, representa pouco mais de 9% da população (entre 9,1% e 9,5%, conforme a fonte). Os restantes 0,5% da população são cristãos (entre os quais os católicos são a maioria) e budistas. Existem também alguns grupos numericamente menores em Bangladesh, com cerca de 100 mil membros cada, como por exemplo os muçulmanos ahmadis e os muçulmanos xiitas. Alguns grupos escapam às estatísticas, em especial os Rohingya, uma minoria muçulmana de Mianmar. Cerca de 32 mil rohingya estão registrados oficialmente como refugiados, mas o número real na região sudeste de Cox’s Bazar está calculado entre 200 mil e 500 mil.^[4]

[1] Radio Vaticano, “Bangladesh: le Premier ministre promet de protéger les minorités”, 9 de Junho de 2016 http://fr.radiovaticana.va/news/2016/06/09/bangladesh_le_premier_ministre_promet_de_prot%C3%A9ger_les_minorit%C3%A9s/1236063

[2] Radio Vaticano, op. cit.; New Age, “Christian man hacked to death”, 6 de Junho de 2016 <http://newagebd.net/233929/christian-man-hacked-to-death/>

[3] Radio Vaticano, ibid; Fides, “Targeted killings of religious minorities: Justice is urgently needed”, 9 de Junho de 2016 http://www.fides.org/en/news/60192-ASIA_BANGLADESH_Targeted_killings_of_religious_minorities_Justice_is_urgently_needed#.V2iTBgrLIU

[4] Médicos Sem Fronteiras 2010, “Bangladesh: Violent Crackdown Fuels Humanitarian Crisis for Unrecognized Rohingya Refugees”, <http://www.doctorswithoutborders.org/>

PAÍS SECULAR OU ISLÂMICO?

Em 28 de março de 2016, o Supremo Tribunal do Bangladesh confirmou o estatuto do Islamismo como religião do Estado.^[5] Ao fazê-lo, os juízes esclareceram um antigo debate constitucional. A sua decisão surgiu em resposta a uma petição apresentada ao Supremo Tribunal em 1988. Na altura, uma dezena de destacadas personalidades tinha questionado a legitimidade de uma alteração constitucional que tinha tornado o Islamismo na religião do Estado. Estas personalidades acabaram abandonando a sua luta, acreditando que os juízes tomariam uma decisão que seria desfavorável. A sua argumentação era a seguinte: o reconhecimento do Islamismo como religião estatal contradiz o princípio da secularidade do Estado. O artigo 2º alínea a) da Constituição, que afirma que a “religião estatal da República é o Islamismo”, contradiz o artigo 12º, que defende “o secularismo e a liberdade religiosa” ao proibir o Estado de manifestar qualquer favoritismo para com qualquer religião.^[6] O texto completo do artigo 2º alínea a) diz: “A religião estatal da República é o Islamismo, mas o Estado deve garantir igual estatuto e igual direito à prática do Hinduísmo, Budismo, Cristianismo e de outras religiões.”^[7]

Neste sentido, os juízes tinham uma questão séria em mãos, nomeadamente a decisão sobre o lugar do Islamismo na sociedade de Bangladesh. Atualmente, com o país dividido pelas tensões religiosas e o aumento de um movimento islâmico, os juízes tinham que definir o papel do Islamismo na sociedade e decidiram a favor do seu lugar de destaque na carta constitucional.

Contudo, ao longo da sua história, o Bangladesh, que declarou independência em 1971, deparou-se com a questão de como definir a sua identidade. Será o Bangladesh um país secular ou islâmico? O Islamismo sunita ocupa certamente um lugar preponderante em Bangladesh que tem orgulho nas suas tradições tolerantes e moderadas. Em 1972, Bangladesh adotou uma Constituição baseada numa identidade linguística e secular, e só em 1988 é que o regime militar liderado pelo ditador Hussein Muhammad Ershad decidiu alterar a Constituição e tornar o Islamismo na religião estatal. Desde então, um movimento político e intelectual poderoso procurou restaurar o princípio

news-stories/special-report/bangladesh-violent-crackdown-fuels-humanitarian-crisis-unrecognized

[5] Aljazeera, “Bangladesh court upholds Islam as religion of the state”, 28 de Março de 2016 <http://www.aljazeera.com/news/2016/03/bangladesh-court-upholds-islam-religion-state-160328112919301.html>

[6] Artigo 12º da Constituição da República Popular do Bangladesh: “Secularismo e liberdade religiosa. Art. 12º: O princípio do secularismo deve ser concretizado pela eliminação do seguinte: (a) o comunalismo sob todas as suas formas; (b) a concessão pelo Estado de um estatuto político a favor de qualquer religião; (c) o abuso da religião para fins políticos; (d) qualquer discriminação contra ou perseguição de pessoas que pratiquem uma religião específica.”

[7] Artigo 2º alínea a) da Constituição da República Popular do Bangladesh: “A religião estatal: A religião estatal da República é o Islamismo, mas o Estado deve garantir igual estatuto e igual direito à prática do Hinduísmo, Budismo, Cristianismo e de outras religiões.”

histórico do secularismo nacional. Até agora, os seus esforços foram em vão.

Este conflito sobre a identidade cristalizou-se em dois campos ideológicos opostos, os “secularistas” versus os “islâmicos”. “A relação entre religião e Estado é central na história da partição da Índia e do Paquistão em 1947, mas também na história do projeto de construção do Bangladesh enquanto nação desde o seu início em 1971”, disse Samuel Berthet, historiador da Universidade de Shiv Nadar, na Índia.^[8] De fato, Bangladesh era originalmente o leste do Paquistão, antes de se separar do lado ocidental em 1971, durante uma guerra de libertação extremamente violenta. As perdas humanas da guerra da independência vão desde os 300 mil aos 3 milhões, conforme as fontes. As milícias pró-Paquistão, que defendem um sentido de nacionalidade baseado no Islamismo, tentaram esmagar os separatistas.

“Na altura da criação do Bangladesh, a referência à religião foi assim associada à tutela do Paquistão, enquanto o secularismo foi associado à construção do Bangladesh enquanto nação”, disse Berthet. E acrescentou: “Gradualmente, sob a influência e o crescimento do comércio com o Oriente Médio, as ideias e percepções mudaram. Depois da ideia de religião estatal ter sido consagrada na Constituição em 1988 por um regime autoritário, o conceito de maioria religiosa foi usado como justificação para a própria ideia de uma religião estatal. Isto influenciou uma parte significativa da população e continua tendo muito peso numa democracia com um sistema maioritário. Contudo, a noção de religião estatal também teve impacto no estatuto das minorias. Para os partidários de Bangladesh baseado no seu plano original, é fundamental deixar cair qualquer referência a uma religião estatal. Esta exigência tornou-se sinónimo de liberdade de expressão, bem como de liberdade para praticar qualquer religião.”^[9]

Em 2011, houve apelos para restaurar o princípio do secularismo, mas o então partido no Governo, Awami League, não se atreveu a mudar o estatuto constitucional do Islamismo. Liderado pela primeira ministra Sheikh Hasina, o partido de centro-esquerda teve receio de alienar uma parte do seu eleitorado muçulmano. Por outro lado, enfrenta Begum Khaleda Zia, líder do partido da oposição Bangladesh Nationalist Party (BNP) [Partido Nacionalista do Bangladesh], que é aliado do poderoso partido islâmico Jamaat-e-Islami. Em 1991, o BNP apoiou o estatuto constitucional do Islamismo, defendendo a ideia com base no fato de que esta era a religião da vasta maioria da população. As duas mulheres, Hasina e Zia, cuja forte rivalidade arrastou o Bangladesh para um ciclo sem fim de impasse político, personificam as duas visões opostas da história e da identidade do Bangladesh.

[8] Églises d’Asie, “La Cour suprême examine le statut de l’islam dans la Constitution”, 17 de Março de 2016 <http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/bangladesh/2016-03-17-la-cour-supreme-examine-le-statut-de-l2019islam-dans-la-constitution/>

[9] Ibid

INCIDENTES: AUMENTO DA VIOLÊNCIA ISLÂMICA NA SOCIEDADE

A decisão do Supremo Tribunal tem sido uma fonte de tensão. Contudo, tanto os que estão no poder como os habitantes comuns do Bangladesh parecem não ser capazes de prevenir o aumento dos ataques por motivos religiosos.

Em 2012, os Islamitas começaram a atacar os direitos humanos dos jovens e dos ativistas pró-democracia, a quem acusavam de ser “ateus”. No ano seguinte, muitos intelectuais foram ameaçados e alguns foram mortos. Em 2015, cinco bloggers liberais e um editor foram assassinados. Cada vez a história era mais ou menos a mesma: homens numa motocicleta surgiam aparentemente do nada para esfaquear ou atacar pessoas indefesas até à morte. Estes bloggers e editores mortos em 2015 fizeram parte de um pequeno movimento entre os jovens e intelectuais do Bangladesh que continuam escrevendo “contra o extremismo e obscurantismo do país”, criticando sobretudo a intolerância religiosa de uma nação cujas instituições são oficialmente seculares. Desde o assassinato em fevereiro de 2013 do blogger e arquiteto de 30 anos Ahmed Rajeeb (Rajib) Haider, a quem cortaram a garganta,^[10] estes jovens tornaram-se no alvo dos grupos islâmicos, incluindo do Jamaat-e Islami. Nos últimos dois anos, os tribunais condenaram à morte muitos líderes do Jamaat pelo seu envolvimento em massacres levados a cabo durante a luta pela independência do país em 1971.^[11] Por seu lado, os círculos islâmicos exigem a execução de todos os bloggers ateus e a implementação de legislação antiblasfêmia. As autoridades reagiram a essas pressões tornando a vida mais difícil para os bloggers, forçando os seus servidores web a apagarem centenas de posts considerados como difamadores do Islamismo e de Maomé.

Os bloggers não são o único alvo. Os extremistas também foram atrás das minorias religiosas, atacando membros das comunidades ahmadi, xiitas, hindus, budistas e cristãs. E também assassinaram homossexuais e estrangeiros (Cesare Tavella, um italiano envolvido em trabalho de desenvolvimento, foi morto em 28 de setembro de 2015, em Dacca,^[12] e Hoshi Kunio, do Japão, foi morto a tiro em 3 de outubro, no distrito de Rangpur^[13]). Num breve espaço de dezoito meses,

foram assassinadas pelo menos quarenta e oito pessoas. A Al-Qaeda ou o grupo autodenominado Estado Islâmico (EI) reivindicaram a responsabilidade de vinte e oito destes assassinatos. Contudo, as autoridades do Bangladesh negaram sistematicamente essas reivindicações, insistindo pelo contrário que o terrorismo islâmico internacional não ganhou raízes no Bangladesh. As autoridades culpam em vez disso grupos islâmicos internos como os Jamaat-ul-Mujahideen. Para o Governo do Bangladesh, este grupo, que teve seis dos seus principais líderes enforcados em 2007 e cujos membros são regularmente mortos em tiroteios com a polícia, é a principal ameaça à segurança interna do país.^[14]

O ritmo dos assassinatos está acelerado. Em 10 de junho de 2016, um funcionário de um templo hindu foi esfaqueado até à morte.^[15] No domingo anterior, 5 de junho, um comerciante católico teve o mesmo destino.^[16] No mesmo dia, em outra região do país, a mulher de um policial, conhecido por ter detido militantes islâmicos, foi morta, executada por um comando na frente do seu filho de 6 anos.^[17]

O assassinato do comerciante católico ocorreu em Bonpara, uma aldeia no distrito de Natore, cerca de 170 km a noroeste da capital, Dacca. Com uma das comunidades cristãs mais antigas do país, a paróquia de Nossa Senhora de Lourdes localiza-se na Diocese de Rajshahi. Com cerca de 4.000 membros, a paróquia é conhecida pela sua estátua de Nossa Senhora de Lourdes com 10 m de altura. Após a Missa, ao meio dia de domingo, 5 de junho, Sunil Gomes, de 72 anos, voltava à sua pequena mercearia, que geria nos últimos três anos, quando foi atacado por vários homens não identificados, que o esfaquearam até à morte. Morreu imediatamente. Mais tarde, o EI reivindicou a responsabilidade pelo assassinato.

De acordo com a família de Sunil Gomes, ele não tinha inimigos. Tinha trabalhado como jardineiro na igreja durante anos. Um dos seus irmãos, o Padre Proshanto Gomes, é sacerdote na vizinha Diocese de Dinajpur. “Ele era um homem inocente, simples e piedoso. Não sabemos porque foi morto desta forma. Vivemos com medo”, disse à UCAnews a sua filha mais nova, Sopna Gomes.^[18]

[10] Églises d'Asie, “Affrontements meurtriers entre les islamistes réclamant une loi anti-blasphème et leurs opposants”, 8 de Abril de 2013 <http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/bangladesh/2013-04-08-affrontements-meurtriers-entre-les-islamistes-qui-reclament-une-loi-anti-blaspheme-et-leurs-opposants>

[11] Églises d'Asie, “Affrontements meurtriers après l'exécution de l'islamiste Abdur Kader Mollah”, 13 de Dezembro de 2013 <http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/bangladesh/2013-12-13-affrontements-meurtriers-apres-l2019execution-de-l2019islamiste-abdur-kader-mollah>

[12] New York Times, “ISIS Says It Killed Italian Aid Worker in Bangladesh”, 29 de Setembro de 2015 http://www.nytimes.com/2015/09/30/world/asia/-isis-bangladesh-cesare-tavella.html?_r=0

[13] The Japan Times, “IS claims killing of Japanese in Bangladesh”, 4 de Outubro de

2015 <http://www.japantimes.co.jp/news/2015/10/04/national/islamic-state-claims-responsibility-killing-japanese-man-bangladesh/#.V2BDLhFvA>

[14] CTC - Combating Terrorism Center, “Jamaatul Mujahidin Bangladesh: Weakened, But Not Destroyed”, 30 de Novembro de 2011 <https://www.ctc.usma.edu/posts/jamaatul-mujahidin-bangladesh-weakened-but-not-destroyed>

[15] The Hindu, “Hindu ashram worker hacked to death in Bangladesh”, 11 de Junho de 2016 <http://www.thehindu.com/news/international/hindu-ashram-worker-hacked-to-death-in-bangladesh/article8713685.ece>

[16] Églises d'Asie, “La minorité chrétienne à nouveau ciblée par l'assassinat à l'arme blanche d'un catholique”, 6 de Junho de 2016 <http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/bangladesh/2016-06-06-la-minorite-chretienne-a-nouveau-ciblee-par-l2019assassinat-a-l2019arme-blanche-d2019un-catholique>

[17] Reuters, “Wife of Bangladeshi anti-terrorism policeman stabbed, shot dead”, 5 de Junho de 2016 <http://www.reuters.com/article/us-bangladesh-violence-idUSKCN0YR06B>

[18] UCAnews, “Catholic hacked to death in Bangladesh”, 6 de Junho de 2016 <http://www.ucanews.com/news/catholic-hacked-to-death-in-bangladesh/76240>

Num país onde os cristãos representam menos de 1% da população, o assassinato acrescentou mais um nome a uma lista cada vez maior. Em 22 de março de 2016, três homens cortaram a garganta de Hossain Ali, um muçulmano convertido ao Cristianismo. Uma vez mais, o El reivindicou a responsabilidade, dizendo que o assassinato “era uma lição para outros”^[19] Em 18 de novembro de 2015, um missionário católico italiano, Padre Piero Parolari, de 64 anos, foi atingido por um tiro em Dinajpur, no norte.^[20] Em 5 de outubro de 2015, um clérigo protestante, Reverendo Luke Sarkar, foi esfaqueado e ficou gravemente ferido,^[21] aparentemente por ativistas do Jamaat-ul-Mujahideen. Entretanto, muitos sacerdotes católicos, pastores protestantes, membros de ONG e de instituições de caridade cristãs receberam ameaças de morte.

Outras minorias religiosas também foram atacadas. No início de junho, um comerciante hindu foi esfaqueado até à morte e um médico budista foi morto da mesma forma. Antes disso, em outubro de 2015, um ataque com uma granada matou uma pessoa e feriu várias num encontro xiita em Huseni Dalan, um importante templo xiita na parte antiga da cidade de Daca.^[22] Em 5 de dezembro de 2015, dez pessoas ficaram feridas quando uma bomba explodiu no templo hindu de Kantajew, no distrito de Dinajpur.^[23] Em 21 de fevereiro de 2016, uma pessoa foi morta em outro ataque contra um templo hindu no norte do Bangladesh: cortaram a garganta do principal sacerdote do templo e dois outros ficaram gravemente feridos.^[24] Por fim, em 14 de março deste ano, Abdur Razzak, um sunita que se tornou pregador xiita, foi esfaqueado até à morte em Kaliganj, no sudoeste do país.^[25]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

[19] Églises d'Asie, “Une leçon pour les autres: l'État islamique revendique l'assassinat d'un musulman converti au christianisme”, 23 de Março de 2016 <http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/bangladesh/2016-03-23-ab-une-lecon-pour-les-autres-bb-l2019etat-islamique-revendique-l2019assassinat-d2019un-musulman-converti-au-christianisme>

[20] Églises d'Asie, “Un missionnaire italien grièvement blessé par un commando armé”, 18 de Novembro de 2015 <http://eglasiemepasie.org/asia-du-sud/bangladesh/2015-11-18-un-missionnaire-italien-grievement-blesse-par-un-commando-arme>

[21] UCANews, “Protestant pastor escapes murder attempt in Bangladesh”, 6 de Outubro de 2015 <http://www.ucanews.com/news/protestant-pastor-escapes-murder-attempt-in-bangladesh/74390>.

[22] Dhaka Tribune, “Bomb attack on Shia gathering kills 1, injures nearly 60”, 24 de Outubro de 2015 <http://www.dhakatribune.com/crime/2015/oct/24/3-crude-bombs-injures-50-city>

[23] The Hindu, “10 injured in bomb attack on Bangladesh temple”, 6 de Dezembro de 2015 <http://www.thehindu.com/todays-paper/tp-international/10-injured-in-bomb-attack-on-bangladesh-temple/article7953297.ece>

[24] The Hindu, “IS claims murder of top Hindu priest in Bangladesh”, 22 de Fevereiro de 2016 <http://www.thehindu.com/news/international/is-claims-murder-of-top-hindu-priest-in-bangladesh/article8267725.ece>

[25] Ibid.

De acordo com o Monsenhor Nicephorus D’Cruze, Bispo católico de Sylhet e presidente da Comissão para o Diálogo Inter-religioso da Conferência Episcopal Católica do Bangladesh, os recentes ataques a minorias religiosas são a consequência indireta do estatuto constitucional especial do Islamismo. “Quando um estado aceita oficialmente uma religião estatal, então ergue barricadas à harmonia comunitária, porque reconhece a supremacia de uma religião em particular e torna as outras religiões inferiores”, disse o bispo à UCA news.^[26] “Esperamos e exigimos que cada religião no Bangladesh seja colocada em pé de igualdade em termos de estatuto e respeito”, acrescentou. Os líderes da comunidade hindu concordam. “Enquanto religião estatal, o Islamismo coloca pressão psicológica sobre as minorias e torna-as vulneráveis aos abusos e à exploração”, disse Govinda Chandra Pramanik, secretário da Bangladesh National Hindu Grand Alliance [Grande Aliança Nacional Hindu do Bangladesh].^[27]

Depois de um longo período de silêncio, as autoridades governamentais finalmente reagiram. Em 11 de junho de 2016, a polícia lançou uma ofensiva durante quatro dias: mais de 11.600 pessoas foram detidas, incluindo 166 islamitas suspeitos.^[28] Contudo, a questão mantém-se sobre se a reação da polícia vai ser suficiente para fazer parar a recente onda de assassinatos contra membros de minorias religiosas e intelectuais seculares. Para o Bispo Gervas Rozario of Rajshahi, presidente da Comissão Justiça e Paz da Conferência Episcopal Católica do Bangladesh, as detenções em massa repentinas não vão ser suficientes para prevenir a ocorrência de mais atos de terrorismo no país. Das quase 12 mil pessoas detidas, a imprensa referiu que mais de 2.000 pertencem ao BNP, o principal partido da oposição. “O Governo pode ter uma agenda diferente, incluindo enfraquecer ainda mais os partidos da oposição, porque esta ofensiva não é uma forma eficaz de erradicar a militância”, disse o Bispo Rozario.^[29] Para este bispo, mais do que realizar detenções em massa, as autoridades deveriam usar os serviços secretos e forças policiais especiais para combater o terrorismo e proteger as minorias. A polícia, segundo ele, é habitualmente muito menos inclinada a levar a cabo detenções quando os membros das minorias são alvos de ações violentas.

Em Daca, Rosaline Costa lidera o ramo local da ONG Hotline Human Rights Trust. Ela acredita que estas detenções são ineficazes, porque os verdadeiros extremistas estão escondidos, sobretudo nas madraças, ou seja, nas escolas corânicas. “Habitualmente, a polícia evita os lugares religiosos como as madraças, que são um terreno fértil para a militância, e é aí

[26] UCANews, “Top Bangladesh court reviews Islam as state religion”, 1 de Março de 2016 <http://www.ucanews.com/news/top-bangladesh-court-reviews-islam-as-state-religion/75360>.

[27] Ibid.

[28] AFP, “Rights experts slam mass arrests as Bangladesh hunts killers”, 17 de Junho de 2016 <http://en.rfi.fr/wire/20160617-rights-experts-slam-mass-arrests-bangladesh-hunts-killers>.

[29] AFP, “Rights experts slam mass arrests as Bangladesh hunts killers”, 17 de Junho de 2016 <http://en.rfi.fr/wire/20160617-rights-experts-slam-mass-arrests-bangladesh-hunts-killers.z>

que os militantes se abrigam. A polícia não consegue combater a militância, a não ser que entre nos antros de militância como as madraças”, disse Rosaline.^[30]

Há, contudo, uma nota positiva nesta paisagem negra. Em 18 de junho, o Jamaiatul Ulema (Conselho Ulema) emitiu uma fátua denunciando o terrorismo e as atividades militantes em nome do Islã. O terrorismo é “contrário ao Islã” e é “um crime contra a humanidade”, afirmou o Conselho. Intitulado ‘Édito de paz pelo bem-estar da humanidade’, a decisão foi apoiada por cerca de 100 mil líderes, clérigos e acadêmicos muçulmanos.^[31] “O mundo é atormentado pela militância através de erros de interpretação do Islã”, disse Maolana Fariduddin Masoud, um respeitado líder religioso, em 17 de junho de 2016. “Para erradicar o terrorismo, precisamos de um despertar de consciência.” Assim, “Vamos realizar seminários nas mesquitas de todo o país.” No entanto, “O Governo e a comunicação social precisam apoiar os nossos esforços”, acrescentou.^[32]

De acordo com Nirmol Rozario, secretário-geral da Bangladesh Christian Association, a fátua é “um gesto positivo”.^[33] Para Theophil Nokrek, secretário da Comissão Justiça e Paz da Conferência Episcopal Católica do Bangladesh, “É bom ver clérigos islâmicos reiterarem... que torturar e matar em nome da religião não é islâmico”.^[34]

[30] Ibid.

[31] The Indian Express, “Over 1 lakh Bangladesh clerics issue fatwa against extremism”, 18 de Junho de 2016 <http://indianexpress.com/article/world/world-news/over-1-lakh-bangladesh-clerics-issue-fatwa-against-extremism-2861497/>

[32] UCANews, “Bangladeshi Christians back ‘fatwa’ against terrorism”, 17 de Junho de 2016 <http://www.ucanews.com/news/bangladeshi-christians-back-fatwa-against-terrorism/76343>

[33] Ibid

[34] Ibid